



Primeira entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após almoço de transmissão de cargo ao novo Diretor-Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa

Brasília-DF, 15 de julho de 2009

Jornalista: O senhor acha que pode ter a ver com a (incompreensível) da Petrobras?

Presidente: Em absoluto.

Jornalista: (incompreensível) Isabela, Presidente?

Presidente: Ah, não sei. Veja, eu se ficar preocupado com as pessoas que os ministros vão indicar... Cada um tem responsabilidade, cada um indica as pessoas que ele acha que é melhor para cumprir aquela função. E, da mesma forma que ele indica, ele pode tirar. Isso é coisa normal da República.

Jornalista: Presidente, e a Lina fez bem em multar a Petrobras?

Presidente: Deixe-me falar uma coisa. Não, não tem...

Jornalista: A Lina, mas ela fez bem em multar, já que o senhor não sabe a razão pela qual ela saiu?

Presidente: Veja, qual é o papel da Receita? É fiscalizar se as pessoas estão cumprindo com suas obrigações fiscais, multar quem não cumpre, arrecadar. Ora, a Petrobras ou o presidente da República se cometerem erro, têm que



pagar pelo erro que cometeram. O que a Petrobras diz é que agiu em conformidade com a lei. A lei permite que a empresa faça isso, então...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Veja, as pessoas têm a obrigação de arrecadar aquilo que é possível arrecadar. Na medida em que a economia começa a crescer, certamente as pessoas vão pagar seus impostos em dia. É bem possível que a gente tenha muitas empresas, que em função da crise econômica, tenham utilizado o tempo que a lei permite para poder pagar parte de seus impostos. O dado concreto, gente, é o seguinte: o que eu posso passar para vocês é tranquilidade de um brasileiro que está vendo a cada dia que passa a economia se recuperar, as coisas irem voltando à normalidade, o crédito voltando a aparecer, a indústria voltando a produzir. Hoje eu recebo a General Motors para comunicar investimentos de R\$ 2 bilhões no Brasil, para construir três novos carros, dos quais dois produzidos pela engenharia brasileira.

A indústria automobilística voltou a fazer hora extra. A indústria de máquina, de geladeiras, máquinas de lavar, geladeiras, fogões está vendendo como nunca vendeu. Máquina de lavar roupa... as mulheres estão conquistando a sua independência. Aumentou 30% a venda no comércio, de máquina de lavar roupa. Então, é tudo isso que eu espero, é que o Brasil volte à normalidade.

Há uma coisa que é motivo de orgulho: é que, hoje, em qualquer país do mundo, qualquer especialista do mundo sabe que o Brasil está em boas condições e que o Brasil vai se recuperar rapidamente.

Jornalista: Então a Petrobras vai sair arranhada?



Jornalista: Uma pergunta sobre a Lina, ainda. A multa que ela aplicou... na gestão dela foi aplicada à Petrobras, isso atrapalhou a imagem da empresa? Porque o senhor está preocupado com a imagem...

Presidente: Não atrapalhou não. Deixe-me lhe falar uma coisa. Você sabe qual é a dívida ativa que a União tem para receber? É R\$ 1 trilhão e mais de R\$ 200 bilhões que estão na Justiça por conta de pessoas que acham que não devem pagar tal imposto em tal época, ou que devem pagar menos. Isso vai para a Justiça. A Petrobras, na hora em que ela é multada ela recorre da multa e vai brigar nas instâncias normais como qualquer outra empresa briga, como você vai brigar no dia em que o Fisco cobrar mais a você de Importo de Renda.

Jornalista: (incompreensível) total, não é, Presidente?

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Eu fiz um pedido, lá... Já faz seis anos que nós nos reunimos com os prefeitos. Faz seis anos que eles fazem pauta de reivindicação, nós atendemos em um ano, no ano seguinte eles fazem outra. O que eu acho que vai facilitar a vida de prefeitos e a nossa? É transformar todas essas políticas em políticas institucionais. Então eu pedi para o ministro José Múcio, para o ministro do Planejamento e para outras pessoas discutirem para a gente ver qual é a possibilidade de transformar, como o Bolsa Família que é uma lei, como o Pronaf que é uma lei, as outras políticas que nós já fizemos com os prefeitos, transformar em lei. Agora, eu sou obrigado a... todas as conquistas deles. Agora, eu sou obrigado a pedir que a Advocacia-Geral da União, a casa Civil, o Planejamento, o José Múcio e os prefeitos trabalhem corretamente nisso.

Mas deixe-me falar uma coisa... O quê?



Jornalista: Vai precisar cortar o orçamento este ano?

Presidente: Não, já foi cortado. A natureza cortou, a crise cortou o orçamento.

Jornalista: ... outro corte.

Presidente: Todo mundo sabe que nós estamos trabalhando com 60 bilhões a menos daquilo que era previsto. É como se faltasse 30% do salário de vocês no final do mês, ou seja, vocês vão ter que apertar as coisas dentro de casa. O governo tem que apertar.

Jornalista: Novos cortes?

Presidente: Não estão previstos novos cortes. Nós temos que trabalhar agora medindo mês a mês, de acordo com a recuperação da economia. Esses dias eu fiquei feliz porque o Reinhold Stephanes me disse que na agricultura nós crescemos as exportações, é um dado importante. Hoje eu conversei com a indústria automobilística, nós estamos recuperando espaço na exportação de carros, é outro passo importante. Graças a Deus nós estamos em uma situação confortável. Eu gostaria de estar melhor, mas, em não podendo estar melhor, eu acho que está de bom tamanho.

Jornalista: Está na hora de se criar imposto novo para a Saúde?

Presidente: Espere aí, deixe-me dizer...

Jornalista: A atuação da Embrapa no exterior?



Presidente: Deixe-me dizer para vocês uma coisa: vocês comeram a carne suína (falha no áudio). Eu penso... eu queria dar o mesmo conselho que eu dei quando eu vim aqui, na gripe aviária. É preciso que a gente trate com muita responsabilidade ao divulgar a questão da gripe, da influenza, para que a gente não coloque pânico nas pessoas. Eu nunca parei de comer carne de porco. No dia em que vocês forem convidados para almoçar no Alvorada, vocês vão perceber que o meu feijãozinho tem todo santo dia uma costela.

Jornalista: Mesmo com as mortes, Presidente?

Presidente: Mas, veja, tem muita dúvida ainda pelo Ministério da Saúde. A única coisa que eu acho é o seguinte: é uma coisa séria? É. Todo mundo sabe que é sério. Mas a gente não pode ficar dando destaque sem que a gente tenha certeza científica das coisas, porque tem pessoas que morreram que tinham problema, tem pessoas que morreram... Da gripe normal, morrem 70 mil pessoas por ano no Brasil, em função da gripe normal. A pessoa tem uma fragilidade qualquer, vem a gripe, a pessoa morre. Então, eu só peço a vocês que a gente possa trabalhar com mais carinho essa questão para não assustar a sociedade indevidamente e não deixar de informar corretamente, para que as pessoas não cometam erro por falta de informação. Se a gente fizer isso com responsabilidade, a gente ajuda a gente mesmo, ajuda a sociedade brasileira e a gente ajuda o Brasil. Porque nós somos bons exportadores de carne de porco, a carne de porco é, definitivamente, muito gostosa, mas muito mesmo, todo mundo gosta. Eu ainda, todo sábado, como a minha pururucazinha. Então é isso, gente.

Jornalista: Presidente, o senhor falou sobre um financiamento específico da saúde.



Jornalista: Hein, Presidente, até quando o governo vai continuar dando apoio ao José Sarney?

Jornalista: Porque agora a crise é (incompreensível).

Presidente: (Incompreensível) eu, há muito tempo, não ficava chateado. Mas divulgaram uma matéria no Estadão, da reunião ministerial que não é verdade. Não se trata de dar apoio ao Sarney, ou ser contra o Sarney, ou condenar o Sarney. Trata-se de que, na medida em que se levanta a denúncia, se faz a apuração. E eu acho que as coisas estão sendo feitas corretas no Senado. O Sarney pediu à Getúlio Vargas para vir fazer uma investigação e apresentar uma proposta de administração do Senado, o Sarney pediu para a Polícia Federal fiscalizar as denúncias do emprego do neto dele.

Jornalista: E ele fica no cargo...

Presidente: As coisas estão sendo feitas. Ora, se cada pessoa renunciar quando alguém faz uma denúncia sem provas e antes de ser provado, o Brasil não vai ter nem síndico mais.

Jornalista: Nem afastamento para dar credibilidade...

Presidente: Tem denúncias sobre coisas que são vistas como... Há 18 anos o Sarney tem a fundação dele, ou seja, são 18 anos.

Jornalista: Mas o repasse de dinheiro...

Presidente: Pois é, mas então agora tem a denúncia, investiga.



Jornalista: E não era melhor ele estar afastado até terminar a investigação?

Presidente: Veja, nós precisamos tomar muito cuidado. Muito cuidado porque se cada vez que sair uma denúncia contra você, a gente pedir para o jornal em que você trabalha afastar você, não vai ter mais jornalista no cargo, não vai ter mais presidente do Senado, não vai ter mais ninguém no cargo. É preciso que a gente respeite apenas a seriedade. Há uma denúncia? Há. A denúncia tem fundamentos? Tem. Então se apura. Apurou-se, aí toma as atitudes que quiser. Porque senão, Tânia, a gente fica criando crise desnecessária. No Senado só tem gente experiente. Você acha que tem algum bobo no Senado? O bobo é quem não foi eleito. Os espertos estão todos eleitos.

Eu aprendi com o Ulisses Guimarães. Uma vez eu falei que deputado... tinha muita gente, não sei das quantas. Falei: aqui tem muito deputado que não sabe de nada. O doutor Ulisses Guimarães falou para mim: "Os que não sabem de nada são suplentes". Ninguém é eleito à toa. Então eu só acho isso, só acho...

Jornalista: Mas (incompreensível), Presidente, que ele não vai ser tratado...

Presidente: Eu não sou senador, não me pergunte o que o Senado vai fazer. Eu já tenho um trabalho imenso para tomar conta do Governo. Como é que eu vou tomar conta do Senado? O Senado tem maioria.

Jornalista: O senhor continua achando que tem que ser tratado de um jeito diferente pela história que teve?

Presidente: Não. Eu estou convencido de que todas as pessoas são inocentes até prova em contrário. Segundo: todas as denúncias são carecedoras de investigação e se, aprovado [comprovado], todas as pessoas, seja o presidente



da República ou do Senado, ou da Câmara, ou o presidente dos jornais que vocês trabalham, têm que ser punidas. É isso. Mais do que isso, como é que eu posso falar, gente? Eu não sou juiz, não tenho como punir as pessoas. Eu já vi... Eu vou contar um caso para vocês: haverá um dia em que o Brasil pedirá desculpas ao ministro Silas, porque inventaram que ele tinha dinheiro dentro de um envelope.

Jornalista: Por que ele não voltou ao governo?

Presidente: Veja, ele não voltou ao governo apenas por cautela. Na medida em que a pessoa é indiciada, para o bem da pessoa, as próprias pessoas pedem para ela se afastar. Então, eu espero que nunca aconteça com vocês uma acusação em que vocês sejam indiciados, e vocês sabendo que vocês são inocentes. Peço a Deus que não aconteça a vocês isso, porque às vezes as pessoas pagam um preço muito pesado, e quando as pessoas são inocentadas não aparece nenhum vizinho para pedir desculpas às pessoas. No mais, companheiros e companheiras...

Jornalista: Presidente, com relação à Embrapa, é o Globo Rural que quer lhe perguntar.

Presidente: Oh, eu gosto, eu assisto todo domingo...

Jornalista: Presidente, com relação à atuação da Embrapa, isso não desvirtua, não desvia recursos que poderiam ser aplicados na pesquisa para nós?

Presidente: Não. Deixe-me dizer uma coisa para você. Uma instituição de pesquisa como a Embrapa é tão grande e tão competente, que ela tem condições de ajudar os países mais pobres a produzirem parte dos seus



alimentos, porque a segurança alimentar é uma das coisas fundamentais para a soberania de um país. Não é justo que uma empresa que tem o conhecimento técnico-científico que tem a Petrobras [Embrapa] não ajude os países africanos a produzirem os alimentos necessários. Isso faz parte de uma política mundial. Ou seja, nós precisamos começar a partilhar parte dos conhecimentos que o mundo tem, e isso eu discuti no G-8. Por exemplo, você tem os Estados Unidos, só eles vendem um produto para a gente poder aferir a gripe... essa gripe, agora. Então, é preciso que a gente discuta, e certamente isso vai ser discutido, que esse remédio não seja disponibilizado da forma cara que ele é. É preciso baratear esse remédio para que o povo tenha acesso. E a Embrapa lida com aquilo que é essencial à vida humana, a comida. E por ser comida, que nós já temos conhecimento daquilo que nós já temos, nós não podemos apenas prestar serviços gratuitamente. Nós poderemos vender know-how, vender conhecimento para ajudar a Embrapa a crescer mais no Brasil.

Jornalista: A ideia é reforçar essa parceria para trazer recursos para nossa...

Presidente: A ideia é reforçar essa parceria para que a gente receba pelo conhecimento que a gente está passando para os outros e para que a gente possa ajudar os países mais pobres, que não têm como pagar, a terem o direito de produzir feijão, produzir milho, produzir cana... A última pergunta.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Em relação aos biocombustíveis, o que nós estamos trabalhando? Nós estamos trabalhando para ver se o Brasil constrói parcerias com países desenvolvidos para a gente ajudar terceiros países. Por exemplo, os Estados Unidos precisam do etanol? Em vez de comprar etanol de milho, ele faz parceria com o Brasil e com outros países, e a gente produz no Brasil ou



produz em alguns desses países africanos, de cana, que custa três vezes mais barato que o etanol, que não utiliza alimento que serve para ração humana e para ração animal e atende os interesses de etanol dos Estados Unidos. A Alemanha, em vez de ficar produzindo de beterraba ou de canola, é melhor fazer parceria e construir, produzir cana em um terceiro país (falha técnica) está tudo resolvido.

(\$31EGJLP)